

Resenha

Serra, Alice Mara (2010). *Archäologie des (Un)bewussten: Freuds frühe Untersuchung der Erinnerungsschichtung und Husserls Phänomenologie des Unbewussten*. Freiburg (AL): Ergon Verlag, 2010.

ISSN 1866-4814

ISBN 978-3-89913-791-0

EDER SOARES SANTOS

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: edersan@hotmail.com

O livro de Alice Serra – que tem como tradução possível para o português “Arqueologia do (in)consciente: investigação dos escritos primeiros de Freud sobre o extrato de memória e da fenomenologia do inconsciente em Husserl” – surge como resultado de seu trabalho de doutorado, desenvolvido entre 2006 e 2010 na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, na Alemanha. Nele, é possível perceber de antemão o resultado de um grande e belo esforço intelectual para elaborar de forma consciente, clara e muita bem construída uma discussão entre a filosofia e a psicanálise.

A autora investiga a teoria do extrato de memória (*Erinnerungsschichtung*) nos textos de Freud escritos entre 1891 e 1899. Teoria que, segundo Serra, serviria de base para que Freud formulasse seu conceito de “inconsciente” (*Unbewussten*). No intento de maior clareza, a investigação é feita de forma cronológico-histórica nas obras do assim chamado “período neurológico” da obra freudiana.

Em sua estrutura formal, o livro divide-se em duas grandes partes. Na primeira, são trabalhados os seguintes pontos de investigação: o significado dos escritos primeiros de Freud em relação aos desenvolvimentos tardios de sua metapsicologia; a investigação genética da teoria inicial de Freud do extrato de memória; os desenvolvimentos posteriores desta teoria nas obras tardias; as influências históricas nas teorias da memória de Freud e do inconsciente e, por fim, a contribuição de Derrida

para a interpretação das teorias freudianas. Na segunda parte, trata-se de investigar a contribuição de Husserl para o desenvolvimento das análises freudianas; a fenomenologia do inconsciente de Husserl no contexto de suas análises da intencionalidade passiva; a determinação da riqueza da fenomenologia de Husserl em relação à consolidação metapsicológica da psicanálise de Freud e, para finalizar, uma apresentação sistemática da investigação realizada nesse livro no que diz respeito a uma arqueologia do (in)consciente.

A proposta de uma leitura arqueológica da obra de Freud advém da influência da filosofia de Paul Ricœur e de discussões com os textos de Jacques Derrida. De Ricœur, a autora assume a necessidade, imposta pelas reflexões do filósofo francês, de uma experiência filosófica e reflexiva nas determinações fundamentais do pensamento de Freud. De Derrida, Serra retoma para a discussão a ideia de formação da teoria no escrito da obra freudiana, que permitiria visualizar as perspectivas primeiras de Freud sobre o extrato de memória que foram elaborados por ele mesmo já no quadro de uma metapsicologia do inconsciente, a ser interpretada com base em uma perspectiva fenomenológico-transcendental.

Serra procura no *Projeto para uma psicologia* (1895) – obra não publicada por Freud – investigar conceitos como memória, percepção, atenção, julgar, pensar, fantasia e sonho, que serviriam de base para uma discussão sobre a teoria do conhecimento implícita na referida obra e para uma interpretação em nível fenomenológico. Assim, a autora julga que tanto nas considerações sobre a teoria da extratificação da memória quanto – um pouco mais tarde – na teoria do inconsciente são analisados alguns processos constitutivos para pensar-se em uma fenomenologia na obra de Freud, isto é, pensar o fenômeno do tornar-se consciente com base em um fundamento inconsciente e do tornar-se inconsciente de atos conscientes.

Essa possibilidade de leitura da obra freudiana será realizada tomando a fenomenologia de Husserl como guia. Com Husserl, pretende a autora, por um lado, desenvolver os processos acima mencionados e, por outro, mostrar como o próprio filósofo trabalha com estes conceitos: memória, percepção, atenção, julgar, pensar. O trabalho investigativo na fenomenologia husserliana passa por suas teorias da constituição do tempo e da memória. Para Serra, essa discussão pode tomar lugar dado que existe um ponto de influência comum na formação tanto de Freud quanto de Husserl: ambos frequentaram as preleções de Franz Brentano e leram obras de Johann Herbart, ficando marcados por estes filósofos. De Herbart, Freud teria assumido a

necessidade de uma “metafísica realística”, em que a Psicologia se apresentasse fundamentada em métodos da ciência natural; entre esses métodos, o que mais influenciou sobre a formação de Freud foi o de uma “dinâmica quantificável” da representação, ou seja, a dinâmica do fundamento do psíquico. De Brentano – cujas preleções dadas em Viena entre 1874 e 1876 Freud frequentou –, este teria aproveitado fortemente a metafísica, a qual permitiu sustentar a metapsicologia freudiana. O século XIX teria deixado suas marcas na psicanálise de Freud no que diz respeito à teoria da intencionalidade de Brentano e no que tange à perspectiva dinâmica das representações de Herbart.

Serra está convencida de que os critérios analíticos para a investigação dos fenômenos psíquicos – presentes no *Projeto* – são de influência brentaniana, mesmo que tais critérios não tenham sido desenvolvidos e mesmo que haja a utilização de terminologia neurológica. Apesar do uso de tal terminologia, aliada a um modelo arqueológico-metafórico, permanece, para a autora, uma proximidade reconhecível com algumas análises de Husserl. Alguns dos conceitos que permitiriam esta aproximação que podem ser citados são: “presentificação” (*Vergegenwärtigung*), “sínteses passivas” (*passive Synthesen*), afecção e “sedimentação”. O que torna, em sua leitura, a aproximação interessante e possível é que o próprio Husserl descreve essas análises, desenvolvidas no quadro de sua fenomenologia genética, como “fenomenologia do inconsciente” (cf. Husserl, Hua XI, §§ 133, 134, citado em Serra, 2010, p. 20). Dessa forma, Serra assegura que é possível uma interpretação da teoria de Freud dos atos inconscientes no sentido de uma transposição no conceito de inconsciente com base na perspectiva fenomenológica, quando remetida a fenômenos da consciência, como percepção, memória consciente e fantasia, julgamento, intensidade dos atos conscientes.

Embora tanto a análise dos escritos primeiros de Freud quanto a teoria de Husserl sobre o inconsciente estejam muito bem apresentadas e fundamentadas, fica-se ainda com a impressão de que suas teorias estão apenas justapostas e que os pontos de amarração que se apresentam para aproximar os dois autores não são firmes o suficiente. Há muitas influências filosóficas em Freud: podem-se mencionar, a este respeito, Kant, Mill, Schopenhauer, Nietzsche, Mach, Lipps. Poder-se-ia assumir, portanto, que Brentano também é uma delas.

Seguindo essa linha de pressuposição de uma fenomenologia da qual Freud seria herdeiro, sua análise se revelaria bastante profícua se concentrasse seu foco nas influências – ainda pouco exploradas pela literatura filosófica e psicanalítica – de

Theodor Lipps na elaboração do conceito freudiano de inconsciente. Tal como Husserl, Lipps também esteve ligado ao movimento fenomenológico influenciado por Brentano e é possível encontrar referências diretas de Freud a este filósofo em sua obra, diferentemente do que acontece com Husserl (cf. Loparic, 2001, pp. 316-317). Podem-se percorrer estes vários momentos nas cartas e na obra de Freud, como numa carta a Fliess de 28 de agosto, 31 de agosto e 22 de setembro de 1898; o intenso entusiasmo de Freud em relação ao conceito de inconsciente em Lipps pode ser apreciado na seção F do capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*; em sua obra sobre *O chiste*, Freud reconhece e atribui a Lipps os avanços em sua teoria do chiste e do humor, quando referida ao caráter dinâmico do inconsciente (cf. Loparic, 2001, p. 323). Freud, no entanto, marca suas diferenças com relação à filosofia de Lipps. Para este último, o inconsciente não é fisiológico, nem literal nem metaforicamente, mas psíquico e real. Já para Freud, em oposição a Lipps, o inconsciente é metafórico, artificial, colorido fisicamente, além de impregnado de múltiplos pressupostos provenientes da metafísica da subjetividade (Loparic, 2001, p. 322).

Como já notado por vários comentadores da epistemologia freudiana, o trato e o uso que ele faz desses filósofos não são sistemáticos e nem sempre explícitos. Tal fato, embora deixe espaço para o trabalho epistemológico, torna difícil compreender por que Freud, tendo sido influenciado com tanta força pela fenomenologia brentano-husserliana, produziu uma disciplina que se pretende científica com base em princípios epistemológicos machianos, que são de origem kantiana. Neste mesmo sentido, portanto, ainda se poderia perguntar como uma possível fenomenologia *à la* Husserl se compatibilizaria com o método especulativo freudiano de matriz kantiana?

Se tomarmos como exemplo o modo pelo qual Freud construiu sua teoria, poderemos perceber, segundo Fulgencio (2003), que os conceitos especulativos metapsicológicos têm uma orientação específica, que se refere ao ponto de vista dinâmico, tal como acontece em outros ramos das ciências naturais. A este ponto de vista, continua o mesmo comentador, Freud acrescentou o tópico e o econômico, aos quais também correspondem, respectivamente, outros conceitos e modelos especulativos, cuja finalidade é sempre a mesma: completar as teorias empíricas, tornando possível agrupar melhor e ordenar os fatos clínicos, fornecendo um guia tanto para a procura de explicações quanto para obter novos dados. Fulgencio prossegue sua argumentação afirmando que as proposições teóricas ou conceitos especulativos concebidos como construções auxiliares para realizar pesquisas não são uma inovação

de Freud. Ao contrário, bem antes dele, filósofos, cientistas e epistemólogos já haviam analisado esse tipo de método de pesquisa, considerando-o não apenas aplicável, mas necessário às ciências naturais. O uso de teoria e conceitos especulativos tem suas raízes na filosofia de Kant, porém isto não quer dizer, na visão de Fulgencio, que Freud tenha tomado a filosofia de Kant como modelo para sua prática científica, mas tão somente que a atitude teórico-especulativa de Freud corresponde a um modo de conceber a pesquisa científica já estabelecido em sua época, de forte influência kantiana, e não husserliana (cf. Fulgencio, 2003, pp. 129-173).

Referências

Loparic, Z. (2001). Theodor Lipps: uma fonte esquecida do paradigma freudiano. *Natureza humana*, 3(2), 315-331.

Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza humana*, 5(1), 129-173.

Serra, A. M. *Archäologie des (Un)bewussten: Freuds frühe Untersuchung der Erinnerungsschichtung und Husserls Phänomenologie des Unbewussten*. Freiburg (AL): Ergon Verlag, 2010.

Recebido em 10/08/11

Aprovado em 27/11/11